

SHERRILYN
KENYON
à luz da meia-noite

Tradução de Ester Cortegano

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para Monique, por ir muito acima e para além do seu dever.
Tu és absolutamente o máximo! E para todos os meus
amigos, por estarem presentes quando mais precisei.
Ao RBL pela sua eterna dedicação e apoio.*

*Acima de tudo, ao leitor.
Obrigada por fazer esta viagem comigo.*

A maneira de se vencer o homem zangado é com gentileza, o homem mau com bondade, o avaro com generosidade e o mentiroso com verdade.

— PROVÉRBIO INDIANO

Soa bem, não soa? Se ao menos as pessoas e a vida fossem assim tão simples. Acredita, é preciso mais do que um amigável biscoito para domar um leão com fome. E é tudo muito divertido até alguém se magoar.

Nessa altura é a guerra.

— SAVITAR, DEUS CHTONIANO

Prólogo

DOLOR sorriu quando sentiu finalmente o chamamento no seu anel de convocação. Há séculos incontáveis que dormia — condenado a esperar que a outro humano crescessem testículos suficientemente grandes para o acordar. Como odiava a deusa do sonho, Leta, por ter a capacidade de o acorrentar àquele destino. De o tornar o cão de colo de um mero mortal.

Agora a cabra ia pagá-las.

Mas primeiro tinha de lidar com aquele mortal patético que detinha poder temporário sobre ele.

Inclinou a cabeça para trás e permitiu que a parte consciente de si viajasse pelas trevas até surgir como uma aparição perante o seu convocador.

— Vês? Eu disse-te que ia funcionar!

Dolor olhou de sobrolho franzido para o homenzinho baixo e roliço que tinha olhos azuis sapudos, óculos e um escalpe calvo que brilhava sob as ásperas luzes fluorescentes. Ao seu lado estava um homem mais alto, de cabelo louro cortado à escovinha. Os seus olhos verdes eram ferozes de loucura e raiva.

E aqueles olhos semicerraram-se desconfiadamente quando se fixaram em Dolor.

— Quem és tu?

Dolor soltou um ronco de troça com aquela pergunta asinina.

— Foram vocês que me convocaram. Não sabem?

O humano ficou calado enquanto o homem mais baixo empurrava os óculos para cima sobre o nariz com o dedo indicador.

— Estás a ver, eu disse-te, Donnie. O livro de feitiços e o anel funcionam, tal como o Mark disse. Eu disse-te que o Mark era um génio com todas essas coisas esquisitas do oculto. Ele nunca se enganou. Agora diz ao deus da dor quem queres que seja castigado e ele fá-lo-á.

— Por um preço — acrescentou Dolor, recordando-os de que era preciso mais do que simplesmente ler as linhas do livro e usar o seu anel para o fazer regressar da estase. Naquele momento, a maior parte dos seus poderes estava ainda contida pela maldição de Leta.

O louro cruzou os braços sobre o peito e fez-lhe uma dura careta de presunção.

— Que preço?

Dolor encolheu os ombros despreocupadamente, como se o elevado preço não fosse de importância alguma.

— O preço da vingança: um sacrifício de sangue. Preciso que mates alguém para eu poder acordar do meu sono.

O que se chamava Donnie anuiu, como se concordasse com os termos. Um instante depois, puxou uma pequena faca improvisada do bolso de trás e cortou a garganta do homem ao seu lado. O homem mais pequeno tentou gritar, mas o corte era demasiado profundo para o permitir.

Dolor ergueu uma sobrancelha quando o homem mais pequeno caiu no chão, agarrado ao pescoço, e ficou a contorcer-se até a morte finalmente o reclamar. Donnie limitou-se a vê-lo morrer sem um único sinal de remorso ou sentimento pela pessoa que fora seu companheiro de cela durante os últimos dois anos.

Ótimo. Dolor precisava de alguém tão destituído de uma alma para o ajudar.

A sorrir, aplaudiu o humano.

— Um belo gesto, mas não o que eu necessito.

Donnie franziu o lábio.

— O que quer dizer com isso?

— Há um ritual, seu idiota. Eu não posso regressar sem... — Dolor hesitou em revelar demasiado, não fosse atemorizar o humano — certos requisitos.

— E quais são eles?

Mais uma vez, Dolor hesitou, mas não havia outra maneira de o humano acordar os seus poderes. Teria de esperar que ele continuasse a revelar-se sem coração e frio.

— O sangue de um ente amado. Tens de me oferecer uma pessoa que seja importante para ti e de pronunciar a minha maldição enquanto a deixas sangrar. Quando as palavras forem ditas e ela estiver morta, os meus poderes serão libertados e eu poderei entrar neste mundo.

A história era um pouco mais longa do que isso, mas o humano não precisava de saber o resto enquanto não chegasse a altura certa.

Era melhor começar pelo princípio. Se Dolor conseguisse obter o sacrifício, o resto seria mais fácil... desde que o humano desejasse seriamente a sua vingança.

Donnie fez um olhar cético.

— Como é que eu sei que não me está a mentir?

— Porque haveria de mentir?

— Porque toda a gente mente.

E como ele o sabia. Tinham sido as mentiras e enganos que tinham feito aterrar aquele monte de bosta na prisão. Dolor fez-lhe um sorriso tranquilizador, ainda que insincero.

— É verdade, mas eu quero a minha liberdade tanto quanto tu.

Donnie fez um riso de desdém.

— E eu já vi este filme algumas vezes. Quando estiver livre, mata-me, não é?

Dolor riu-se.

— O meu veneno não é para ti, pequeno humano. Tenho a minha própria pessoa a fazer sangrar. Por causa dela, primeiro tenho de fazer o que me ordenares. Depois, e só depois, ficarei livre para levar a cabo a minha própria vingança. Acredita em mim, ainda viverás muito tempo depois de me ir embora.

Porque viver com as ações que teria de executar para libertar Dolor era a pior coisa que Dolor poderia fazer por aquele humano, e uma vez que era o deus da dor...

Dolor sorriu e desta vez o sorriso era sincero.

Donnie passou por cima do corpo para se aproximar da sua tremeluzente forma de fantasma.

— Estou à espera disto há demasiado tempo. Desde o dia em que fui preso que tenho tentado de tudo, e nada funcionou. O que eu quero, mais do que qualquer outra coisa neste mundo, é que o meu irmão mais novo morra, e quero que sofra uma infelicidade inimaginável antes de morrer. Estou a falar de dor de proporções bíblicas. Quero que

fique a gritar por misericórdia e a suplicar-me que o mate para acabar com tudo, enquanto eu me rio da sua agonia. Consegue fazer isso?

— Essa é a minha especialidade.

Donnie sorriu, e a insanidade flamejou profundamente nos seus olhos.

— Diga-me, então, o que tenho de fazer para o pôr em liberdade. Faça qualquer coisa para ver o meu irmão sofrer e morrer, qualquer coisa *mesmo*.

Dois dias depois

NUM longo e flutuante vestido grego branco, Leta acordou com um súbito arfar. Levou vários segundos a aclimatar-se ao que a rodeava. Estava ainda no seu casulo almofadado, a dormir no salão de espelhos da Ilha Desaparecida.

Mas havia alguma coisa errada. Consequia senti-lo. A mão negra do mal deslizava sobre o seu corpo com o seu toque inconfundível.

Dolor, o mais vil de todos os deuses, fora convocado de volta ao reino humano, o que desencadeara o seu próprio despertar. O deus da dor fora preso séculos antes por Leta, que o combatera até ficarem ambos ensanguentados e exaustos. Proibida por Zeus de o matar de imediato, fora forçada a prendê-lo para que nunca mais fizesse a ninguém o que lhe fizera a ela.

E, depois de o prender, ela colocara-se em estase para se restabelecer e aguardar o momento em que o deus voltaria a acordar.

Agora, alguém encontrara o anel escondido de Dolor e pronunciara as palavras que nunca mais deveriam ser pronunciadas. Contendo a respiração, permitiu que as suas memórias enterradas a assaltassem.

Idiotas! Os estúpidos dos humanos não faziam ideia do que tinham posto à solta. Dolor não se contentava em atacar a pessoa contra quem era enviado. Não, era sedento de sangue e impiedoso. Dolor não respeitava nada, e ninguém era imune à Dor.

Claro que ele iria perseguir e matar a pessoa que tinha por missão perseguir, mas, assim que cumprisse essa missão, a Dor regressaria àquele que o convocara.

Os deuses ajudassem, então, o convocador. A sua tortura não teria fim.

Fechando os olhos, fez despertar os seus poderes adormecidos. Deixou que os seus pensamentos vogassem até encontrar o alvo da Dor.

O alvo estava de costas para ela, mas mesmo assim percebeu que

era um homem alto e de ombros largos. O seu cabelo louro estava des-
penteadado e ondulado, caindo-lhe pela altura do colarinho negro.

Como deusa do sonho, conseguia sentir as amargas emoções do
homem. Eram tão fortes que conseguia senti-las como se fossem suas.

— Sim — dizia ele, a sua voz cheia de rancor. — Nunca deixa de
me surpreender como uma única mentira pode destruir toda uma vida
de bem.

E foi então que ela percebeu uma coisa. Aquele homem não pre-
cisava da Dor. A Dor já vivia dentro dele, junto com a Amargura e
a Raiva. Tinham-no bem apertado contra os seus peitos, e, pelo que
conseguia sentir, não tinham qualquer intenção de o largar.

Depois ela ouviu...

Aquela funda gargalhada, que lhe fez gelar o sangue.

— Leta...

Transportou-se do seu estéril casulo para ficar de pé no frio chão
de mármore. Um vento agreste colou-lhe o vestido ao corpo, expondo
os seus pés nus até aos tornozelos. As pulseiras de ouro nos seus an-
tebraços ficaram tão geladas que lhe queimaram a pele. As paredes à
sua volta eram brancas; nenhum quadro ou cortinas quebravam a sua
qualidade estéril.

Ainda assim, sentia a presença do deus da dor.

— Onde estás, filho da mãe?

Dolor apareceu por trás dela. Antes de ter tempo para fazer um
movimento, ele agarrou-a pelo cabelo e puxou-lhe a cabeça para trás,
contra o seu ombro.

— Não pensaste realmente que me podias manter preso para
sempre, pois não?

Ela tentou debater-se, mas ele soltou-a e desapareceu.

— Isto ainda não acabou, Dolor — disse ela, a voz carregada com
o peso da sua promessa.

O riso dele encheu o quarto.

— Pois não. Condenaste-me a esta maldição, e, antes que acabe,
terás de pagar por isso. Agora, vais desculpar-me. Tenho um humano
para torturar e matar.

Ela sentiu-o descer pela sua coluna abaixo, e não havia nada que
pudesse fazer para o deter. Por ordens de Zeus, as suas próprias emo-
ções tinham-lhe sido retiradas. E, no entanto, sentia alguma coisa...
algumas emoções remanescentes do passado, talvez?

Não tinha a certeza.

Mas de uma coisa estava certa, havia suficiente emoção dentro
de si para não permitir que a Dor magoasse outra alma, se o pudesse

evitar. Era um voto solene que fizera, e um voto que ia cumprir. Enquanto houvesse vida nas suas veias, ela ia lutar.

E, quando deu um passo em frente, o alvo de Dolor voltou-se no espelho para a encarar.

Leta estacou quando viu as feições do homem. Era tão belo como um imortal. Através da névoa que separava a Ilha Desaparecida do plano humano, conseguia ver cada curva e cada traço do seu rosto perfeito. Uma testa firme arqueava-se sobre olhos de um verde pálido. A vibrar de inteligência, mostravam-lhe uma alma marcada pela traição. Uma alma completamente destituída de confiança.

E, naquele único momento, sentiu a mágoa dele no seu próprio coração. Ele queria confiar em alguém. Queria estender a mão. Mas esquecer-se de como o fazer.

Sozinho e frio, era a própria dor personificada.

Inclinando a cabeça, percebeu uma outra coisa. Aquela dor que ardia tão ferozmente dentro do homem era exatamente o que precisava para poder derrotar Dolor. Se pudesse canalizá-la, ela fundir-se-ia com os seus poderes, dando-lhe uma vantagem. Não havia emoção mais forte do que a raiva...

Ele já foi suficientemente magoado...

Não interessava. Dolor tinha de ser derrotado a qualquer custo e, se este humano pagasse o preço, que importância tinha? A vida e a alma de um nunca valeriam mais do que as vidas e almas de muitos. Aidan O'Conner seria o seu sacrifício, e o seu passado seria finalmente vingado. A Dor seria derrotado pela sua mão e posto a dormir por toda a eternidade.

Capítulo

UM

LETA estava completamente atordoada com o mundo humano, ao observar os espelhos à sua volta a mostrarem os eventos diários que tinham lugar no reino do homem. O seu olhar passava de espelho para espelho, enquanto tentava dar algum sentido às imagens tremeluzentes de pessoas de todo o mundo. Começava a suspeitar que cometera um erro horrível, ao pôr-se em estase enquanto esperava que Dolor acordasse. Tudo mudara.

Tudo.

Havia complicadas engenhocas — máquinas — que nem sequer conseguia compreender. E as línguas tinham mudado tanto... Precisa-va de se concentrar para compreender as palavras faladas rapidamente, peçadas de coloquialismos e calão que ultrapassava o seu entendimento. Doía-lhe a cabeça com o esforço de tudo aquilo.

— Só precisas de algum tempo.

Voltou-se e viu o irmão mais velho, M'Adoc, atrás de si. Para uma criatura cujas emoções lhe tinham sido brutalmente arrancadas, sentiu o coração agitar-se ao ver o irmão. Era uma alegria emudecida que apenas a fez lembrar-se do que era a verdadeira felicidade. Mas uma emoção fantasma era melhor do que nada.

Alto e magro como ela, M'Adoc tinha cabelo preto e ondulado e olhos de um azul tão pálido que eram quase luminescentes.

Estendeu-lhe a mão.

— É bom voltar a ver-te, irmão.

Houve o mais subtil suavizar do olhar de M'Adoc quando ele lhe tomou a mão e a levou aos lábios.

Leta retraiu-se quando uma espontânea e inesperada imagem do irmão a ser torturado a percorreu. Mesmo após milhares de anos, conseguia ouvir os seus gritos.

E os dela.

Como se soubesse o que Leta estava a pensar, M'Adoc abraçou-a. Segurou-lhe a cabeça entre as mãos e puxou-lhe o rosto contra o ombro. Leta conteve a respiração quando ele passou para o seu conhecimento tudo o que mudara no mundo e como este funcionava.

— Propuseste-te uma tarefa hercúlea, irmãzinha — sussurrou-lhe ele contra o cabelo. — Devias ter ficado connosco, não devias ter-te isolado.

— Não consegui. — Fora demasiado doloroso vê-los a todos sem emoções, quando se lembrava da maneira como tinham sido antes de Zeus os castigar. A única emoção que Zeus lhes deixara fora a dor, para poder controlar e punir os deuses do sono, e aquela dor interminável abria um buraco dentro dela.

Era um mundo frio, aquele a que fora forçada a viver, e fora essa a razão por que se contentara em dormir por toda a eternidade.

Deu um passo atrás, para poder olhar M'Adoc nos olhos.

— Tenho de o deter.

— Ele não é o único deus da dor. A Dor permeia tudo o que existe no nosso mundo e no do homem.

— Eu sei. Mas é o derradeiro sofrimento. Não lhe basta fazer as suas vítimas chorar. Ele destrói-as, de mente, corpo e alma. Não estavas lá, irmão... não viste.

Ainda assim, ele estremeceu, como se pudesse, de facto, ver as memórias da irmã.

— Toda a gente faz o que sente que tem de fazer. Eu respeito-te pelas tuas escolhas. Não significa que concorde com elas. — O olhar de M'Adoc endureceu, quando voltou a falar. — Dolor mata-te, se tiver oportunidade para isso.

Leta deixou que um lado da sua boca se contraísse, na paródia de um sorriso amargo.

— Ótimo. Sonho com a luta, tanto quanto sonho com a sensação do coração dele entre as minhas mãos, quando finalmente o esmagar.

M'Adoc inclinou a cabeça para ela.

— Então, deixo-te com os teus planos de vingança... exceto numa coisa.

— O quê?

Os olhos dele eram inquietantes.

— Não é a dor que nos é infligida por outros que nos destrói. É a dor que deixamos dentro dos nossos corações. Não deixes que a fúria dos humanos se torne a tua. Poderia enlouquecer-te. — E, com estas sábias palavras, desapareceu.

Leta soltou um profundo suspiro enquanto pensava nas palavras do irmão. Sabia que ele tinha razão. Mas saber uma coisa e fazê-la era inteiramente diferente. Precisava da fúria de Aidan. Queria a fúria de Aidan.

Fechando os olhos, concentrou-se no alvo.

Aidan.

Viu-o a dormir na sua cama, a sonhar que estava perdido no meio de uma tempestade. A chuva chicoteava-lhe dolorosamente a pele enquanto ele avançava em frente. A sua respiração era entrecortada, o seu rosto atraente estava contorcido pela raiva.

Leta estava confusa com as suas ações. Pela sua vontade de continuar, mesmo enquanto os relâmpagos cortavam o chão, quase lhe acertando. A estática das explosões fazia com que o cabelo se espetasse em volta das suas feições de aço. Era uma determinação furiosa que o fazia continuar. E, mesmo antes de se aperceber do que fizera, passou o portal e entrou no sonho.

Ele estacou quando se apercebeu da presença. A chuva fria martelava-lhe a pele, colando-lhe o cabelo ao corpo, enquanto ela o observava com curiosidade. Naquele estado, todas as emoções do homem estavam expostas a nu na sua frente. Ela sentia cada grama da sua raiva, da sua traição.

Da sua insaciável necessidade de vingança.

Isso estava tão perto dos seus próprios sentimentos que alimentou os seus poderes e lhe trouxe as emoções de volta com uma claridade tão nítida que a perfurou.

Aidan descruzou os braços enquanto a fitava com aqueles olhos gelados e penetrantes.

— Quem és tu?

— Uma amiga — sussurrou-lhe ela, sentindo o vento gelado que começou a soprar em volta de ambos.

Ele riu-se amargamente.

— Não tenho amigos. Não quero ter amigos.

— Então estou aqui para te ajudar.

Ele fez um ronco de troça.

— Ajudar-me a fazer o quê? A congelar? Ou estás a pensar fazer-me parar no meio desta tempestade para garantir que a tempestade me mata?

Leta estalou os dedos e a chuva parou de imediato. As nuvens ondularam no céu enquanto se afastavam para mostrar o Sol. Os seus raios iluminaram a paisagem e pintaram-na de vivos verdes e amarelos.

Aidan não se perturbou.

— Belo truque.

Era um homem difícil de impressionar, e a sua fria causticidade fê-la perguntar-se o que o teria feito assim. Secou as roupas e o cabelo.

— Porque convocaste a chuva?

— Não convoquei merda nenhuma — rosnou ele. — Estava a tratar das minhas coisas quando ela caiu em cima mim. Só estava a tentar ultrapassá-la.

— E agora que desapareceu?

Aidan ergueu os olhos para o límpido céu azul acima deles.

— Há de voltar. Volta sempre, e atinge-te quando menos a esperas.

Leta sabia que ele não estava a falar apenas do tempo.

— Devias procurar abrigo.

Ele riu-se.

— Aqui não há abrigos. A tempestade arranca-os e deixa-te nua no meio do furacão, por isso, não te preocupes.

E *ela* ainda se julgava, estupidamente, uma pessoa amarga. Mas, por outro lado, fora do mundo do sonho só conseguia sentir uma amostra do que estava a sentir agora. Mesmo assim, o seu sofrimento não era nada em comparação com o dele. A amargura do homem era tão funda que Leta sentiu a língua a esquentar, só de a provar.

Mas, por baixo daquela hostilidade, sentia em Aidan uma crua vulnerabilidade. Alguma coisa que fora esmagada e, no entanto, tentava desesperadamente sobreviver, mesmo contra a vontade dele. Qualquer coisa que se abria ao seu próprio coração magoado e fazia-a querer tocar-lhe.

Sem pensar duas vezes, deu um passo em frente para pousar a mão sobre o seu rosto.

Ele silvou como um gato antes de se afastar.

— Não me toques.

— Porque não?

— Não quero a tua bondade mentirosa. Sim, vais sorrir e ser tão querida para mim que eu começo a confiar, mas no minuto em que me recusar a dar-te tudo o que queres, no instante em que o exigires, vais virar-te contra mim e tentar destruir-me. És como todos os outros no mundo. Ninguém mais importa senão tu.

E, com isto, virou as costas e foi-se embora.

Leta cruzou os braços sobre o peito enquanto o via distanciar-se.

Ah, sim, tinha ali emoções amargas suficientes para mais do que derrotar Dolor. Aquele deus nem imaginava como a sua atual vítima seria a sua queda. Aidan podia parecer-lhe insignificante, mas a sua

determinação e espírito seria o combustível de que ela necessitava para os vingar a ambos.

E, tal como Dolor, ela não mostraria qualquer clemência ou fraqueza. Nada a impediria de o destruir. Pela primeira vez, Dolor saberia exatamente qual era a sensação de ter alguém a vir até ele e deixá-lo a tremer no chão, a suplicar por uma piedade que nunca chegaria.

Mal podia esperar...

Capítulo

DOIS

ERA apenas mais um dia gelado como o raio, para Aidan O’Conner. Nada nunca mudaria, e ele gostava das coisas assim.

Pelo menos, era o que esperava, até o seu telemóvel começar a tocar. Indo buscá-lo ao balcão da cozinha, olhou para a identificação no visor. Não queria atender, mas era Mori, e, se não atendesse, Mori ia importuná-lo como um cachorrinho com uma infeção no trato urinário a precisar de ir mijar à chuva.

Definitivamente, não era do que estava a precisar na sua vida, ou, mais importante, na sua atual disposição.

Aidan abriu o telemóvel com o queixo enquanto, simultaneamente, baixava o som da aparelhagem, que estava a tocar o seu CD de Bauhaus.

— Olá, Mori.

— Oh, Aidan, aí estás tu. Tenho andado preocupado contigo.

Sim, pois. A única coisa com que Mori se preocupava era de onde viria o seu próximo cheque. O filho da mãe era exatamente como todas as outras pessoas que Aidan alguma vez conhecera. Gananciosas, egoístas, narcisistas, e ansiando por um bocado da carne de Aidan.

Só o som da sua voz choramingas a dizer a Aidan o que fazer deixava-o a ferver por dentro.

— Tenho outra oferta para ti, A. Estão dispostos a dar trinta e cinco milhões de dólares, mais uma significativa fatia dos lucros; e, acredita em mim, com as outras estrelas neste filme, vai haver lucros suficientes para fazer com que até um Scrooge como tu faça um sorriso.

Aidan recordou os tempos em que uma oferta como aquela o faria engasgar-se e cair morto. Um tempo em que tanto dinheiro lhe pareceria um sonho inimaginável.

E, como todos os seus sonhos, também aquele fora brutalmente despedaçado.

— Já te disse que não estou interessado.

Mori fez um riso de troça.

— Claro que não estás interessado.

— Não, Mori. Não estou.

— Oh, vá lá, não podes continuar escondido no topo da tua montanha. Mais cedo ou mais tarde vais ter de regressar ao mundo real. E este será o regresso perfeito. Pensa em quanto dinheiro vais deitar para o lixo se disseres que não.

Aidan fez o CD passar para a música «*Crowds*» e deixou-a recordá-lo da razão por que não estava interessado em voltar a Hollywood... ou a qualquer outro sítio fora de Knob Creek, Tennessee, já agora. Não gostava de pessoas, e odiava a ideia de fazer outro filme.

— Obrigado, mas não, obrigado. Com cem milhões de dólares nas minhas contas bancárias, nunca mais tenho de regressar à realidade.

Mori fez um som de profundo desgosto.

— Raios, Aidan. Já estás fora do círculo há tanto tempo que tens sorte por alguém ainda te querer por qualquer preço. Até os tabloides já te esqueceram, por esta altura.

— A sério? — disse ele, baixando o olhar para a pilha de jornais na sua mesinha de centro, trazidos na semana anterior, quando fora ao supermercado. A sua cara estava impressa em todos eles. — Tem graça, mas pareço ser tema de conversa dos tabloides. Andam a especular tudo, desde a possibilidade de ter sofrido um acidente de carro que me deixou desfigurado, até ter sido raptado por extraterrestres ou por um fã com perturbações mentais, até ao meu favorito... o que diz que estou a efetuar uma operação para mudança de sexo numa clínica sueca. Gosto particularmente da minha fotografia alterada em Photoshop em que estou de vestido. Pelo menos, tenho melhor aspeto do que Klinger, não achas? Mas, com toda a honestidade, gostaria de pensar que me pareço mais com a Alexis Meade da *Betty Feia* do que com este abominável homem das neves peludo com que me retrataram.

Mori voltou a praguejar.

— Não estás mesmo a brincar comigo, pois não? Isto não é uma artimanha para arrancares mais dinheiro ao estúdio. Estás mesmo a pensar seriamente em sair.

— Sim, Mori. Estou farto. Só quero voltar a ser um simples gajo normal que ninguém conhece.

Mori soltou um ronco de troça.

— É demasiado tarde para isso. Não há uma única pessoa no mundo com mais de dois dias que não conheça o nome e a cara de Aidan O’Conner. Cristo, estiveste em mais capas de revistas do que o presidente.

E essa era a razão por que não tinha qualquer intenção de sair do alto da sua montanha a não ser para ir buscar comida, cerveja e talvez, uma vez por ano, para dar uma queca... e, mesmo assim, com tudo aquilo por que tinha passado, podia até ponderar usar antes bonecas insufláveis — algumas das que tinha visto na Internet estavam a tornar-se altamente sofisticadas.

— Só estás a piorar o teu caso. Além disso, pensei que já se tinham esquecido todos de mim.

Mesmo ao telefone, conseguiu ouvir Mori a explodir no seu escritório.

— Sabes, eu não te percebo, meu, a sério que não percebo. Podias ter o mundo todo, se quisesses. Só tens de estender a mão.

Como se Aidan se preocupasse com isso... De que valia possuir o mundo quando não tinha opção senão defender-se contra cada pessoa que lá existia? Pessoalmente, preferia ser um pedinte com um único amigo verdadeiro do que um príncipe rodeado por assassinos de duas caras.

— Vou desligar, Mor. Falo contigo mais tarde. — Aidan desligou o telefone e atirou-o de volta para o balcão, onde aterrou por cima de outra fotografia dele com uma má peruca e um vestido. Céus, ainda se lembrava de quando uma mentira daquelas o atirava numa fúria que duraria dias.

Mas isso fora antes da traição que o cortara tão fundo que destruíra cada nervo sensível no seu corpo. Ao contrário da prova de fogo por que passara, aqueles ataques não eram pessoais e não lhe eram dirigidos por pessoas a quem em tempos chamara família. Aqueles ataques eram todos altamente risíveis.

Abriu uma cerveja e ergueu-a num brinde às fotografias da sua «família» que mantinha na prateleira da lareira, ao lado dos seus cinco Óscares.

— Vão-se todos foder — disse ele, num tom trocista.

Mas, no fim de contas, sabia a verdade. Era ele o único que fora regamente lixado. Confiara em todas as pessoas erradas e agora fora deixado sozinho para lidar com a devastação que tinham causado — porque ele ousara amá-las mais do que se amara a si mesmo.

A vida não era nada senão sofrimento, e ele era o rei do sofrimento.

Dois anos antes, vivera e seria capaz de morrer por aqueles idiotas em cima da prateleira. Dera-lhes tudo, liberalmente, querendo que tivessem uma vida melhor do que o inferno que ele conhecera ao crescer.

E embora lhes tivesse dado tudo exceto a vida, não fora suficiente. Tinham sido traiçoeiros e egoístas. Não satisfeitos com os seus presentes extravagantes, tinham começado a roubar, e quando ele se atrevera a questioná-los sobre os seus roubos, tinham ido atrás da única coisa que lhe restara.

A sua reputação e meio de vida.

Sim, as pessoas eram doentes, e estava farto dos Judas à sua volta. Os tempos em que fora usado por outros, sugado por outros, acabara.

Não queria mais nada daquele mundo nem das pessoas que o habitavam.

O seu olhar desviou-se para a caçadeira que guardava ao canto da sua cabana por causa de serpentes e ursos. Dezasseis meses antes, carregara aquela arma, tencionando matar-se e acabar com o seu sofrimento para sempre. A única coisa que o impedira fora o facto de não querer dar-lhes a satisfação de saber que o tinham enfraquecido àquele ponto.

Não, era mais forte do que isso. Chegara àquele mundo sozinho, e sozinho havia de ficar de pé, a defender-se até ao dia em que Deus julgasse apropriado levá-lo. Diabos o levassem se uns montes de lixo levariam a melhor sobre ele. Não saíra a pulso da pobreza, não chegara onde chegara na vida, para desistir de tudo por causa de uns filhos da mãe traidores.

Não fora ele que começara aquela luta, mas fora ele que lhe pusera um fim.

«A confiança do inocente é o instrumento mais útil de um mentiroso.» Aidan estremeceu ao recordar a citação do seu livro de Stephen King preferido. Essas palavras tinham-se provado mais do que verdadeiras. E ninguém fora mais inocente do que ele, em tudo aquilo. Por causa deles, a sua credulidade fora chacinada no altar da traição.

Mas isso acabara. Agora não restava mais nada senão um homem tão forte que nunca mais permitiria que alguém se aproximasse. Banira toda a confiança. Banira toda a ternura. E agora dava ao mundo o que este lhe dera.

Fúria, ódio e veneno. E era por isso que mantinha aquelas caras sorridentes na prateleira da lareira. Para o lembrar de como toda a gente tinha duas caras.

Aidan estacou quando ouviu qualquer coisa bater. Parecia que estava alguém à sua porta...

Não, isso não era possível. Estava demasiado longe e distante de tudo. Nunca ninguém subia a isolada estrada de terra que conduzia à sua cabana de madeira. Inclinando a cabeça, ficou à escuta. Mas o som parecia ter-se desvanecido.

Soltou um ronco de troça.

— Boa, agora ando a ouvir coisas.

Aidan deu um passo, depois ouviu bater novamente.

Talvez alguma coisa se tivesse aberto. Deu meia-volta e regressou à sala.

— Está alguém em casa?

Soltou uma praga ao ouvir a abafada voz feminina. Raios. A última coisa que queria na sua montanha era uma mulher. A ranger os dentes, abriu a porta para encontrar uma forma embrulhada de branco no seu alpendre.

— Saia da minha propriedade.

— P-p-por favor. Estou gelada e o meu carro avariou. Preciso de ligar a alguém para pedir ajuda.

— Então use o seu telemóvel. — Fechou-lhe a porta na cara.

— Não tenho rede aqui em cima. — A voz dela era fraca, e a sua suavidade tocou-o.

Não te atrevas a ter pena dela, estúpido. Ninguém tem pena de ti. Dá apenas o que te é dado. Ódio. Desprezo. Olhou de relance para as fotografias na sua prateleira.

— Por favor. Estou gelada. Ajude-me, por favor.

Se não fizeres nada, ela vai congelar ali fora. A sua morte ficará nas tuas mãos.

E então! Ela que morra por ser estúpida. Às vezes, o darwinismo, foi o melhor que aconteceu...

Mas por mais que a sua fúria o mordesse por dentro e a sua voz interior lhe chamasse idiota, ele não a podia deixar ali fora a morrer.

És um grande idiota.

— Dez minutos — rosou ele, enquanto lhe abria a porta de rom-pante. — Nem mais um segundo. Depois quero-a fora da minha casa.

— Obrigada — disse ela, entrando.

Aidan manteve o lábio franzido enquanto a via dirigir-se para a sua lareira. Ela deixou um rasto de neve no seu soalho.

— Não me suje a casa.

— Desculpe — disse ela, a sua voz ainda distorcida pelo cachecol de lã cor-de-rosa que enrolara em volta do nariz e da boca. A única coisa que lhe conseguia ver do rosto era um par de olhos de um azul tão pálido que praticamente cintilavam. — Está mesmo frio lá fora.

— Como se isso me interessasse para alguma coisa — disse ele em voz baixa enquanto ia buscar o seu telefone ao balcão. Depois voltou para junto dela e entregou-lho. — Despache-se.

Ela retirou as luvas de pele branca para expor umas mãos delicadas que estavam rosadas do frio. A tremer, puxou o cachecol para baixo.

Aidan ficou sem respirar quando viu o seu rosto, e uma vaga de desejo bombeou-lhe o organismo. De ossos finos e patricios, ela era linda. Mais do que isso, era a mesma mulher que vira nos seus sonhos na noite anterior, a mulher que fizera parar a chuva.

Que coisa tão esquisita...

Sem uma palavra, ela retirou-lhe o telefone da mão e marcou os números.

Aidan não conseguiu mover-se enquanto a observava. Qual era a probabilidade de uma pessoa desconhecida sair dos seus sonhos e aparecer-lhe à porta a precisar de um telefone? Especialmente a mulher cujo rosto o assombrara durante todo o dia.

Devias jogar na lotaria...

Ela fechou o telefone, depois estendeu-lho.

— O seu também não funciona.

— Tretas. — Abriu-o, depois percebeu que ela tinha razão. Não havia rede nenhuma. Desconcertado, olhou-o, carrancudo. — Estava a funcionar ainda há um minuto.

Ela encolheu os ombros antes de regressar para junto da lareira.

— Então parece que estamos ambos sem sorte.

— Eu não estou sem sorte. Eu moro aqui. Quem está lixada é a senhora, porque não vai cá ficar.

Ela olhou-o com um ar de incredulidade.

— Vai mesmo pôr-me fora da sua casa no meio de uma tempestade?

Ele riu-se.

— Não há... — A sua voz desvaneceu-se quando olhou para fora e percebeu que ela tinha razão. Era uma tremenda tempestade.

Quando acontecera aquilo?

— Isto é inacreditável, raios — rosou. Mas, por outro lado, era mesmo típico. O seu tio sempre lhe dissera que ele nascera sob uma estrela do azar. O homem tinha mais razão do que qualquer um deles alguma vez imaginara.

Ela voltou para ele os seus olhos inquietantes.

— Vou-me embora?

Sim. Alguma coisa na sua alma gritava-lhe que a pusesse da porta

para fora e a trancasse com força. Era a parte dele que ficara despedaçada ao ponto do suicídio.

Mas, mesmo depois de tudo por que passara, não conseguia obrigar-se a causar a morte da mulher. Ao contrário dele, o mais provável era que tivesse alguém que a choraria, de facto, se ela morresse. Que bom para ela.

A mulher fez-lhe um olhar que rivalizava com a temperatura gelada lá fora, antes de voltar a enrolar o cachecol em volta da cara e precipitar-se para a porta.

— Não seja estúpida — rosnou ele. — Não pode ir lá para fora.

Ela percorreu-o com um olhar severo, depois baixou o cachecol.

— Não gosto de ficar onde não sou desejada.

— Então quer que eu minta? — Ele começou a representar da forma que o fizera conquistar os seus prémios da Academia. — Oh, querida, por favor, fica comigo, não te vás embora. Preciso de ti aqui. Eu não posso viver sem ti.

Leta arqueou uma sobrancelha, a que faltava o ar sarcástico que queria certamente imprimir. Mal sabia ele como eram verdadeiras aquelas palavras. O homem precisava dela ali, porque era a única coisa que se interpunha entre ele e a morte.

— Que bonito. Praticou muito essas deixas?

— Nem por isso. Normalmente digo simplesmente às pessoas que vão morrer longe.

— Oooh — fez ela num tom sedutor. — Fiquei cheia de pele de galinha. Adoro quando um homem me fala com voz doce.

— Aposto que sim. — A coçar o queixo, indicou-lhe o bengaleiro de madeira ao lado da porta. — Pode pendurar ali o casaco até a tempestade passar ou o telefone funcionar.

Ela despiu o casaco e desenrolou o cachecol antes de retirar o chapéu e o enfiar no bolso do casaco.

— Para que é a arma?

— Eu podia mentir e dizer que é para ursos ou cobras, mas uso-a principalmente contra invasores de propriedade privada.

— Uau, Dexter — disse ela, usando o nome do assassino em série da série que M'Adoc lhe mostrara. — Estou impressionada. Uma vez que não estamos em Miami e não tem um barco para ir atirar os corpos ao mar, onde é que os guarda?

— Debaixo do barracão da lenha lá atrás.

— Boa. — Ela sorriu. — Ao menos isso explica o cheiro que senti quando vinha a subir a estrada de acesso.

O olhar dele iluminou-se, como se a achasse divertida.

— Tem razão. Isso é a fossa séptica. Não sou tão estúpido a ponto de deixar cadáveres tão perto da minha casa... Isso iria atrair os animais para demasiado perto da minha porta das traseiras. Deixo os corpos na floresta para os ursos comerem.

— E quando eles estão a hibernar?

Ele encolheu os ombros.

— Os coiotes comem-nos.

Era rápido, o homem, isso ela tinha de admitir.

— Bem, então, suponho que precisa de ir em frente e dar-me um tiro e acabar já com isto. Os coiotes devem estar esfomeados, com este tempo.

Aidan estava completamente atónito com a sua falta de medo.

— Não tem medo de mim, pois não?

— Devia ter?

— Está encurralada no bosque durante uma tempestade de neve, com um homem que nunca tinha visto. O meu vizinho mais próximo vive a quase dez quilómetros daqui. Eu podia fazer-lhe o que quisesse que nunca ninguém saberia.

Ela olhou para o canto atrás de si.

— Certo, mas eu é que estou mais perto da arma.

— Acha que chegava lá primeiro?

Leta franziu o nariz. Não sabia porquê, mas estava a divertir-se com aquela conversa, e ela não devia ser capaz de se divertir com absolutamente nada.

— Acho que conseguia fazer-lhe frente, Dex. Afinal de contas, não sabe mais a meu respeito do que eu sei a seu. Como é que sabe que não sou uma assassina em série enlouquecida a fugir das autoridades? Até posso ter um corpo no porta-bagagens, à espera que eu o enterre.

Aidan estava intrigado com o facto de a mulher estar a jogar o mesmo jogo que ele próprio começara. Admirava a coragem, e ela parecia ter mais do que a sua dose dela.

— É uma assassina em série?

Ela ergueu o queixo.

— O Dexter primeiro. Quem é o senhor e porque é que está aqui em cima sozinho?

Ele contornou o balcão para se aproximar. Parando na sua frente, estendeu-lhe a mão.

— Aidan O'Conner. Ex-ator, mas de certeza que isso é coisa que já sabe.

Ela encolheu os ombros.

— Não me diz nada. Sou a Leta.

— Leta quê?

— Só Leta. — Ela hesitou mais um momento antes de lhe apertar a mão. — Prazer em conhecê-lo, Dexter.

Ele estudou-a cuidadosamente. As suas roupas de inverno, embora bonitas, não eram extravagantes. Não diziam muito acerca dela a não ser que fora apanhada numa tempestade de neve despreparada. Ela não tinha qualquer joia, nem nada que assinalasse a coisa mais básica a seu respeito. Era como uma tábua em branco.

— E o que é que faz na vida, só Leta?

— Sou guarda-costas profissional.

Ele riu-se com aquela resposta inesperada.

— Sim, pois.

A mulher abanou a cabeça lentamente.

— Não. É tudo verdade. Conheço setenta e duas maneiras de matar um homem e sessenta e nove de fazer com que pareça um acidente.

Aquilo, provavelmente, deveria assustá-lo, mas, em vez disso, ele pareceu fascinado.

— E o que traz uma guarda-costas a estas florestas? Foi o Mori que a contratou para me proteger do meu irmão?

— Não conheço nenhum Moris. Neste momento, estou entre missões, e andava à procura de mudança. Ouvi dizer que havia trabalho em Nashville e pareceu-me um bom sítio para começar do princípio. Por isso, aqui estou eu presa no meio da neve com um... assassino em série. Tem os ingredientes de um ótimo filme de terror, não acha?

Ele ainda não estava satisfeito com a sua resposta.

— Como é que está na profissão de proteger pessoas e não sabe quem eu sou? Já me disseram que tenho uma das caras mais reconhecíveis no mundo.

— Uau... Só por curiosidade, quando vai para a cama à noite, dá por si expulso da cama por esse ego?

— Não é ego. É a verdade.

Ela cruzou os braços sobre o peito como se não acreditasse nem por um minuto.

— Bem, então, se admitir que sei quem é e que, na verdade, me estou perfeitamente nas tintas, isso vai mitigar a sua masculinidade ferida o suficiente para pormos este assunto atrás das costas e passarmos a outro que termine comigo a comer uma sanduíche?

Ele ignorou a pergunta dela.

— Então, conhece-me?

— Sim, Dexter — disse ela, a sua voz carregada de sarcasmo. — Eu sei quem é. Agora já se sente melhor?

Nem por isso. O sarcasmo dela desfizera todo o seu contentamento por ter razão. E também o deixara a ver tudo vermelho.

— Então porque é que mentiu?

Leta percebeu que acabara de cometer um grande erro. Aquele era um homem que já ouvira mentiras suficientes, e era óbvio que, se queria ali ficar, teria de ser o mais honesta possível.

— Bem, uma vez que está escondido no meio do nada, calculei que não quisesse publicitar o facto de que é um ator mundialmente famoso, embora, para ser honesta, ter os Óscares por cima da lareira não seja propriamente muito subtil.

Um tique palpitou no queixo dele.

— É jornalista?

Ela revirou os olhos.

— Não. Já lhe disse o que faço. Protejo costas.

— Como é que sei que posso acreditar em si?

— Não sabe. Mas porque haveria de mentir?

Aquilo só fez a fúria dele aumentar.

— Mentiu acerca de me conhecer. Pode mentir sobre qualquer coisa. As pessoas mentem a toda a hora, normalmente sem qualquer razão.

— Mas não estava a mentir quando disse que tinha fome. — Ela fez um gesto a indicar o pão no balcão da cozinha. Um dos problemas de se entrar no reino mortal era que isso tendia a deixar os Caçadores de Sonhos com uma fome tremenda, e, naquele momento, o seu estômago começava a doer. — Podia atirar-me um pedaço de pão antes de continuar o interrogatório? Ou tenho de lhe dar uma sova por uma colher cheia de manteiga de amendoim?

Aidan pegou no pão e atirou-lho. Ela agarrou-o com uma mão. Recuando, ele indicou a porta ao lado do frigorífico.

— A manteiga de amendoim está na despensa.

Ela olhou-o com um ar desconfiado antes de abrir a porta e procurar pelas prateleiras. Emergiu uns minutos depois com a manteiga de amendoim. Com um olhar pouco divertido, pousou-a no balcão.

— Faca?

— Gaveta na sua frente.

Depois de a abrir, ela fez girar a faca na sua mão com uma perícia que dizia que não estava a mentir a respeito da sua ocupação.

— Qual foi o seu último trabalho? — perguntou ele, enfiando as mãos debaixo dos braços.

— Terrence Morrison.

Ele franziu o sobrolho.

— Quem?

— Um *playboy* milionário que cometeu o erro de enfiar as bolas na mesa de bilhar errada.

Aidan não tinha dificuldade em imaginar o sarilho em que uma coisa dessas podia pôr um homem, especialmente dependendo de quem julgava ter direito a essa mesa de bilhar.

— Porque se veio embora?

Ela espalhou a manteiga de amendoim sobre uma fatia de pão.

— Tratei da pessoa que o estava a ameaçar. Ameaça desaparecida. Trabalho eliminado. — Com um olhar presunçoso, deu uma dentada na sanduíche. — Mais alguma coisa que queira saber? Registo dentário, impressões digitais? *Scan* da retina?

— Uma amostra da urina serve.

Ela revirou os olhos.

— Que chávena quer que eu use?

Ele estava intrigado com as respostas prontas e o facto de ela não parecer zangada com o seu interrogatório e escolha de palavras.

— Não há nada que a perturbe?

— Eu ganho a vida a lutar com pessoas. Acha honestamente que mijar para uma chávena me vai meter medo?

Ela tinha razão... desde que não estivesse a mentir sobre a sua ocupação.

Sem uma palavra, Aidan puxou uma chávena do armário e entregou-lho.

Ela ficou de boca aberta.

— Deve estar a brincar comigo! Quer mesmo uma amostra de urina?

Ele sorriu com a pergunta.

— Nem por isso, mas pensei que podia ter sede. As bebidas estão no frigorífico.

Por uma vez, viu alívio no olhar da mulher antes de ela se voltar e servir-se de um copo de leite.

— Obrigada por mostrar um pouco de piedade.

— Pois — disse ele num tom azedo. — Só não se esqueça de retribuir o favor.

— Isso quer dizer alguma coisa em especial?

Ele encolheu os ombros.

— É só que, pela minha experiência, a única coisa que as pessoas fazem é tirar. Nenhuma se importa minimamente em ajudar os outros.

— E por vezes as pessoas conseguem surpreender.

— Pois. Tem razão. Fico constantemente espantado pela traição gratuita de que são capazes.

Ela abanou a cabeça.

— Uau, está *mesmo* lixado.

Mal sabia ela. Além disso, tinha todo o direito de o estar, e mais ainda. Tivera suficientes facas espetadas nas costas para deixar um estegossauro invejoso.

— Olhe só para si. — Indicou o corpo dela com um gesto. — Protege as pessoas porque elas precisam ou protege-as porque lhe pagam para isso?

Leta hesitou. Obviamente que não era paga pelo que fazia, mas ele nunca acreditaria que um humano pudesse ser tão altruísta. Por isso, optou por uma meia-verdade.

— Uma miúda precisa de comer.

— E eu fico por aqui. As pessoas são capazes de apunhalar alguém pelas costas por causa de um pedaço de pão bolorento e depois continuar com as suas vidas como se o outro não passasse de uma inútil barata.

Leta respirou fundo quando viu na fúria dele exatamente o que M'Adoc vira na sua. A dele era um carrasco pouco razoável que nunca o libertaria. A parte pior era o ponto a que ele abraçara a sua raiva. Controlava e distorcia tudo à sua volta, ao ponto de o tornar incapaz de ver outra coisa na frente.

— Há pessoas deploráveis por aí. Mas prometo-lhe que nem toda a gente é assim. Por cada ato de crueldade de que a humanidade é capaz, é igualmente capaz de outro de bondade.

Ele fez-lhe um sorriso de desdém.

— Vai desculpar-me se eu discordar completamente. — Abanou a cabeça como se a mera visão da mulher o enojasse. — E espanta-me o facto de ter chegado a essa idade sem ninguém lhe ter tirado esses óculos de lentes rosadas e lhas ter enfiado pelo...

Ela ergueu as mãos numa rendição para silenciar aquela tirada.

— Tem direito à sua opinião tanto como eu tenho direito a não a ouvir.

Aquilo deixou-o ainda mais fora de si. Afastou-se do balcão e dirigiu-se para a porta principal.

— É mesmo irritante. Se eu tinha de ter a casa invadida hoje, não poderia ter sido, ao menos, por uma pessoa muda? — Pegou na arma e dirigiu-se para o pequeno corredor que dava para o seu escritório. — Não se instale demasiado. Quero-a fora daqui assim que o tempo melhorar.

O olhar dela fixou-se na arma nas suas mãos.

— Confia tão pouco em mim?

— Não confio nada. — E, com isto, dirigiu-se para o escritório e deixou-a na sua cozinha.

Leta soltou um profundo suspiro ao sentir a hostilidade dele. Ótimo.

Por enquanto, Dolor ainda não tinha conseguido entrar no plano mortal. Mas não demoraria muito.

Dolor fora convocado para matar Aidan e faria tudo o que estivesse ao seu alcance, que era imenso, para ser bem-sucedido. Não deixaria que nada o detivesse.

O que significava que ela não teria muito tempo para reforçar os seus próprios poderes alimentando-se de Aidan. Franziu o sobrolho ao sentir uma ponta de culpa. Como Caçadora de Sonhos, não devia sentir nada daquilo, e, no entanto, não podia negar a parte de si que não queria magoar Aidan, quando era tão óbvio que ele já fora suficientemente ferido pelas pessoas à sua volta.

É para o seu próprio bem.

Era engraçada a maneira como os deuses e a humanidade usavam tantas vezes esta desculpa para justificar a brutalidade.

Até Zeus dissera o mesmo quando ordenara que todas as emoções fossem arrancadas aos Caçadores de Sonhos. Quando os punira a todos por um crime que um único deus cometera. E nem esse fora propriamente um crime. Fora feito como uma brincadeira sobre o velho Rabo de Trovão, para não ser levada a sério. Em vez de se rir, Zeus abusara dos seus poderes e caíra sobre todos os que não concordavam com ele.

O resto dos deuses dos sonhos tinham sido meros inocentes apanhados sob fogo cruzado. Mas o medo de Zeus de ser destronado e gozado fizera-o puni-los a todos. Como era patético viver uma existência numa tal paranoia.

No entanto, o complexo de deus de Zeus não lhe dizia respeito. Tinha era de se concentrar na vida de Aidan, se queria matar Dolor a qualquer custo.

O riso de Dolor, vindo do passado, ainda lhe enchia a cabeça. «Eu sou a Dor. Eu sou eterno. E tu és insignificante, Leta. Nunca me derrotarás.»

Por enquanto, ele tinha razão. Ela não o derrotara, mas conseguira feri-lo.

A sua arrogância seria o instrumento que usaria para lhe quebrar as forças, e Aidan era o martelo de que necessitava para espetar o seu espigão mesmo entre os olhos de Dolor.

Determinada, foi procurar Aidan e zangá-lo ainda mais.